

## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

## Traição

**R**ostos não atravessam os séculos porque seus traços morrem; são elas, as palavras, que transpassam o tempo, e os rostos apenas as encarnam. Uma das palavras que se converte em rosto chama-se traição. Rostos não atravessam os séculos. A palavra traição sim. Seja no rosto do guerreiro Armínio, do século 9, seja no rosto do cabo Anselmo, do século 20, a traição, indiferente ao tempo ou ao contexto, é o mesmo fenômeno não social ou histórico, mas o mesmo fenômeno dado pela natureza do rosto.

Imagem criada com a IA FluxPro



Sempre muito feliz e muito convicto de si, o Senso Comum repete sempre que o traidor ou usa máscara, ou tem dois rostos. O traidor, porém, possui tão somente, sem máscara, um só rosto, que é sempre o mesmo. Assim, senhor de seu próprio rosto, o traidor domina seus próprios traços, a ponto de qualquer um se identificar com ele, porque, caso seu rosto não seja (des)coberto – o que é difícil – a traição simpatiza-se com todos.

O mesmo rosto, portanto, adapta-se ao outro conforme seus interesses, ou seja, o mesmo rosto, sem deixar de ser o mesmo, é outro rosto. Dessa forma, repito, sempre outro sem deixar de ser o mesmo, não se vê no rosto do traidor a oposição entre ser e não-ser. A traição neutraliza o dualismo, neutraliza a oposição, porque o rosto coloca-se entre ser-e-não-ser, ou seja, fixa-se [como movimento] no meio, o que faz do rosto ser natural à luz do dia e, por ser natural ou por representar a si mesmo como simpático ao outro, ele é ser-e-não-ser ao mesmo tempo porque se movimenta entre signos opostos.

A fim de ser evidente só com um exemplo, trago não a erudição clássica de um livro, e sim o que milhões veem à noite, no caso, a novela “Vale Tudo”, onde Raquel, a mãe, mantendo sua identidade, sempre é a mesma; Maria de Fátima, a filha, contudo, mantendo-se sempre outra sem deixar de ser a mesma, cria linhas de fuga, já que tais linhas movimentam-se entre signos desiguais. A traição é linha de fuga, pois a traidora Maria de Fátima é-e-não-é ao mesmo tempo, o que permite a mãe se identificar em uns momentos e não se identificar em outros com a filha.

Aprendemos com Maria de Fátima que, se a traição oferece a ela plasticidade social, é porque a traição assume, de forma natural, representações várias: ora um rosto, ora outro, e isso sem deixar de ser o mesmo rosto, Maria de Fátima é pobre, é grata, é rica, é ingrata, é vítima, é ladra, enfim, entre ser-e-não-ser, se seu rosto engana, é porque vale tudo.

# Pérolas da MPB revigoradas

Divulgação

Em ‘Clássicos Reboot Vol. 2’, DJ Meme prova que remixes podem (e devem) preservar a essência das canções

Por Affonso Nunes

**“U**ma coisa é música eletrônica. Outra coisa é usar a música eletrônica na música”, reflete o DJ Meme ao definir a filosofia de trabalho do segundo volume de “Clássicos Reboot”, projeto de música eletrônica aplicada à MPB. Já nas plataformas digitais, o álbum reúne dez canções nacionais icônicas transformadas através de remixes que preservam a essência original enquanto amplificam sua potência sonora.

Para o DJ e produtor, o grande desafio reside em criar novidades consistentes mantendo todos os elementos já gravados. “Usar a voz original do artista e mudar toda a música é fácil, mas trazer uma novidade que agrade o público usando tudo o que já estava gravado é o mais difícil”, explica.

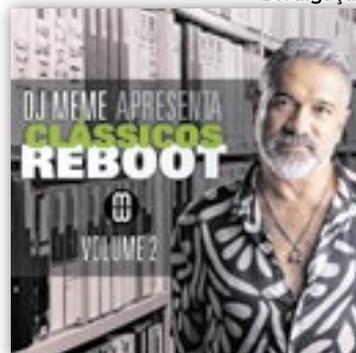
O projeto, revela, é uma homenagem indireta ao arranjador Lincoln Olivetti, cujo trabalho inovador dos anos 1970 e 80 ganha nova dimensão nos remixes. Faixas como “Lábios de Mel” (Tim Maia), “Vida Vida” (Ney Matogrosso) e “De Bar em Bar” (Cassiano) destacam a contribuição revolucionária do músico para a sonoridade pop brasileira. “Ele trouxe uma sonoridade internacional. Elas tinham uma pegada de pista, apesar de não serem eletrônicas”, observa Meme.

A metodologia do DJ consiste



**DJ Meme: ‘Usar a voz original do artista e mudar toda a música é fácil, mas trazer uma novidade que agrade o público usando tudo o que já estava gravado é o mais difícil’**

Divulgação



em “fortificar o arranjo, a voz e os instrumentos com uma tecnologia sofisticada de mais de 40 anos depois”. O processo envolve estender tempos, reforçar solos e duplicar elementos, sempre preservando a beleza dos arranjos originais. Ocasionalmente inclui batidas eletrônicas, mas sem comprometer a estrutura musical estabelecida.

Marcos Valle representa um caso especial no álbum. Além de ter seu hit “Mentira” (1973) transformado no “Celebration Remix”, o compositor voltou ao estúdio para gravar um novo piano especialmente para a versão. Meme traba-

lhou cada instrumento da gravação original - que contava com a banda Azymuth - e inseriu o novo solo de Valle no meio da faixa.

“Alagados”, dos Paralamas do Sucesso, recebe tratamento especial, com sua veia afro-latina elevada à potência máxima. O remix de quase nove minutos reforça a virada sonora da banda do rock para o reggae em “Selvagem” (1986), incluindo beats e bateria eletrônica que “dobram” com a gravação original de João Barone. A participação de Gilberto Gil, antes restrita aos backing vocals, ganha destaque com apresentação de Herbert Vianna e solo no primeiro refrão.

Duas faixas receberam abordagem mais radical: “Malandragem” teve arranjos recriados e instrumentos regravados, contando com participação especial de Frejat na guitarra e voz, criando o primeiro registro conjunto dele com Cássia Eller. “Maresia” (Marina Lima) migrou para o house underground com superprodução incluindo bateria programada, baixo, teclado, flauta, cordas e solo de órgão.

O álbum encerra com “Azul” (Djavan/Gal Costa) e “Bye Bye Brasil” (Chico Buarque), esta última inspirada nos bailes funk dos anos 80. A versão de Chico recebeu elogios de Roberto Menescal.